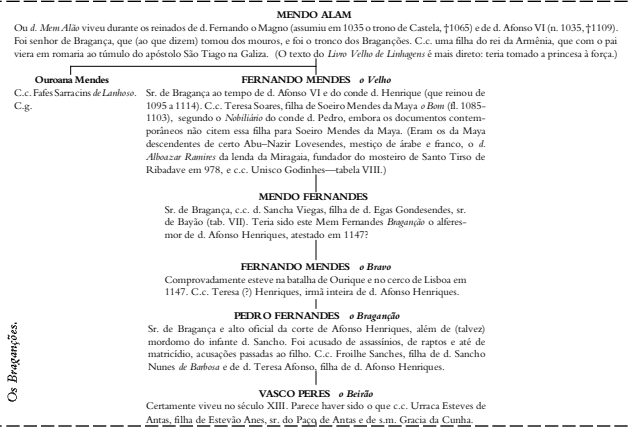
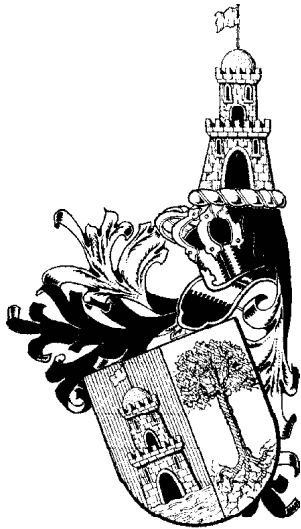


Moras. Partido: I, de vermelho, com uma torre de prata lavrada de negro, coberta de ouro e rematada por uma bandeira (var. castrejo) de prata, assente sobre um rio do mesmo agulado de azul. II, de prata, com uma amoreira de verde, arrancada e frutada de ouro. Elmo de prata, aberto e guarnecido de ouro. Paquife das cores e metais do escudo, e por timbre a torre do escudo. São armas documentadas no Livro de Améis-Mor, de 1506, entre aquelas atribuídas à pequena nobreza. São também, ao que parece, *armas parlantes*, já que o nome da família, *Moras*, sugere uma apócope de *amorais*, plural de *amorial*, "pomar de amoreiras."



Os Braganções.

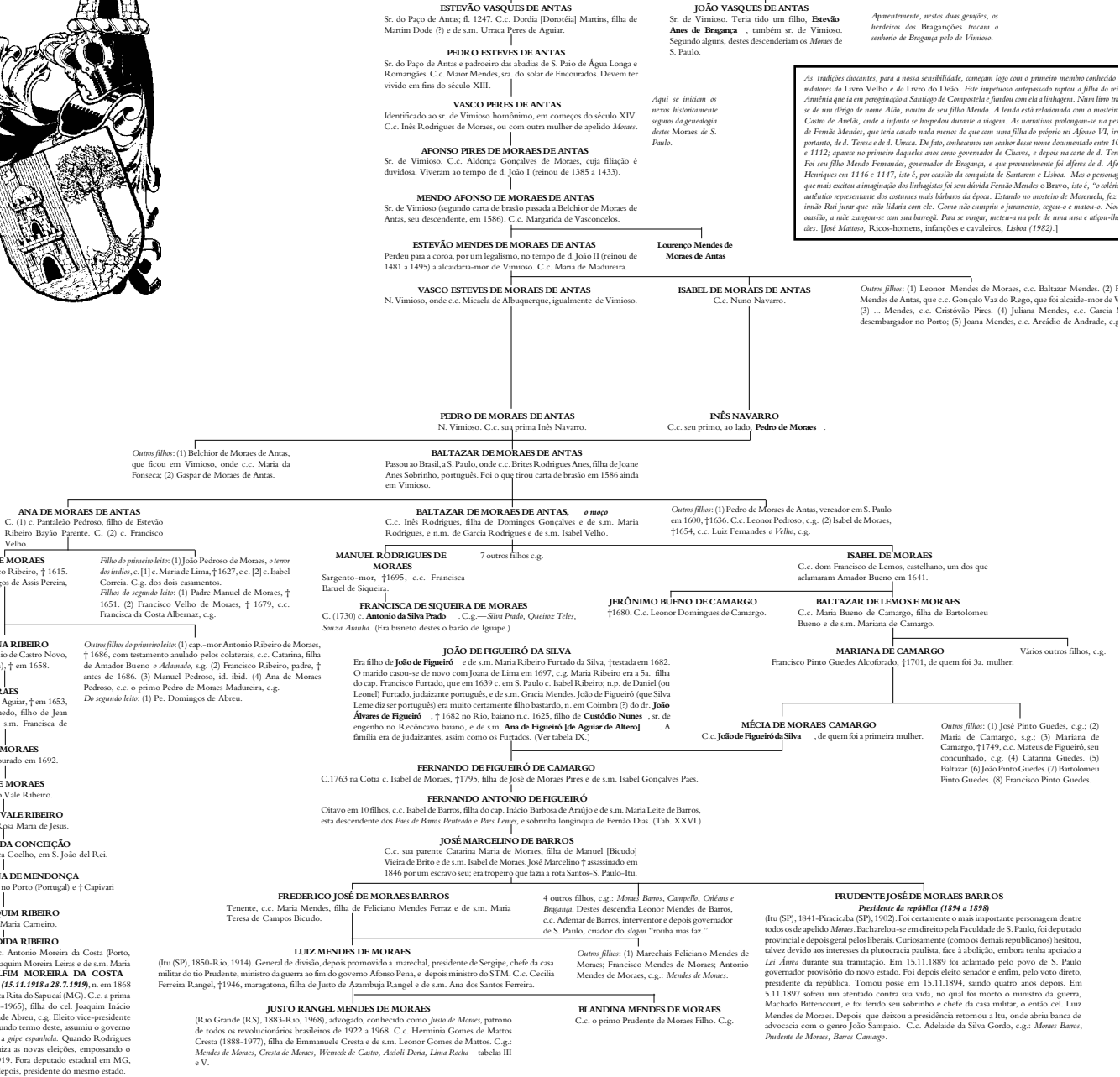
3. Os primeiros troncos portugueses: os senhores de Bragança.

X. Antas Moraes: Prudente de Moraes, Delfim Moreira.

Fonte: "Delfim Moreira," *Brasil Genealógico* (1969 e 1970), L. G. da Sil Leme, "Moraes," *Genealogia Paulista* VII (1907), Projeto Áquila/Griffis-UFRJ, Versão 2.1, Janeiro de 1995.

Aparentemente, nestas duas gerações, os herdeiros dos Braganções trocam o sobrenome de Bragança pelo de Vimioso.

As tradições dissonantes, para a nossa credibilidade, congem logo com o primeiro membro conhecido valdeiros de Livro Velho e do Livro do Dado. Este impetuoso antepassado rapto a filha do rei Arménia que em peregrinação a Santiago de Compostela e fundou com ela a linhagem. Não raro tra-se de um clérigo de nome Alá, noato de seu filho Mendo. A lenda está relacionada com o mosteiro Castro de Avilés, onde a infância se hospedou durante a viagem. As narrativas prolongam-se na praça de Femão Mendes, que teria casado nada menos do que com uma filha do próprio rei Afonso VI, no ponteiro, de d. Teresa de d. Urraca. De fato, entretamos um entrelace nome documentado entre II e 1112, apesar no primeiro daqueles anos como governador de Chaves, e depois na corte de d. Ten. Foi seu filho Mendo Fernandes, governador de Bragança, e que provavelmente foi alferes de d. Afonso Henriques em 1146 e 1147, isto é, por ocasião da conquista de Santarém e Lisboa. Mas o personaj que mais excitou a imaginação dos historiadores foi sem dúvida Femão Mendes o Bravo, isto é, "valdeiro autêntico representante dos costumes mais bárbaros da época. Estando no mosteiro de Morenada, fez imão Rat jurar que não lidaria com ele. Como não cumpriu o juramento, egou-o e matou-o. No outaio, a mãe zangou-se com sua barragã. Para se vingar, meteu-a na pele de uma urna e atirou-lha àis. [José Mattoso, Ricos-homens, infâncias e cavaleiros, Lisboa (1982).]



Outros filhos: (1) Belchior de Moraes de Antas, que ficou em Vimioso, onde c.c. Maria da Fonseca; (2) Gaspar de Moraes de Antas.

ANA DE MORAES DE ANTAS
C. (1) c. Pantaleão Pedroso, filho de Estevão Ribeiro Bayão Parente. C. (2) c. Francisco Velho.

MARIA DE MORAES
C. (1) c. Francisco Ribeiro, †1615. C. (2) c. Domingos de Assis Pereira, †1625.

SEBASTIANA RIBEIRO
C.c. Vitor Antonio de Castro Novo, n. Nápoles (Itália), † em 1658.

SERAFINA DE MORAES
(1) c. cap. Francisco Barbosa de Aguiar, † em 1653, g. C. (2) c. Luiz Porraite de Penedo, filho de Jean orrat, n. Bordéus (França) e de s.m. Francisca de meda.

FRANCISCA DE MORAES
C.c. Antonio Vieira Dourado em 1692.

TERESA DE MORAES
C.c. André do Vale Ribeiro.

ANTONIO DO VALE RIBEIRO
C. (em 1739) c. Rpsa Maria de Jesus.

CECILIA MARIA DA CONCEIÇÃO
C. (1772) c. João de Mendonça Coelho, em S. João del Rei.

ESMÉRIA FLORIANA DE MENDONÇA
C.c. Francisco José Ribeiro, n. no Porto (Portugal) e † Capivari (MG), em 1865.

INÁCIO JOAQUIM RIBEIRO
C.c. Joaquina Maria Carneiro.

MARIA CÂNDIDA RIBEIRO
†stima, MG, 1844, † 1921). C.c. Antonio Moreira da Costa (Porto, arrajad, 1842, † 1903), filho de Joaquim Moreira Leite e de s.m. Maria Aquina da Costa. Pais de DELFIM MOREIRA DA COSTA RIBEIRO, Presidente da república (15.11.1918 a 28.7.1919), n. em 1868 †stima, MG; † em 1920 em Santa Rita do Sapucaí (MG). C.c. a prima ancesa de Abreu Ribeiro (1873-1963), filha do cel. Joaquim Inácio Abreu e de s.m. Joaquina Felicidade Abreu, c.g. Eleito vice-presidente em Rodrigues Alves, para um segundo termo deste, assumiu o governo substituindo o titular, doente com a gripe espanhola. Quando Rodrigues lves morre, em 16.1.1919, organiza as novas eleições, empossando o eito, Epitácio Pessoa, em 28.7.1919. Fora deputado estadual em MG, cretário do interior de Minas e, depois, presidente do mesmo estado.